

## POSIÇÃO DE SUJEITO E OBJETO EM CONSTRUÇÕES COMPLEXAS SUBJETIVAS

*Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP)<sup>1</sup>*

### RESUMO

Neste artigo, investigamos construções complexas subjetivas, sob a perspectiva teórico-metodológica da Linguística Funcional Centrada no Uso. Com base em amostras de fala, organizamos uma rede hierárquica de dois níveis, considerando se ocorre ou não topicalização de constituintes argumentais. Os resultados comprovam que, entre o padrão de nível mais alto (sem topicalização) e os dois padrões de nível mais baixo (com topicalização de Sujeito ou Objeto), divergências sintáticas e equivalência semântica refletem distinções pragmáticas e que, entre padrões de mesmo nível, divergências sintático-semânticas refletem equivalência pragmática, comprovando, assim, o Princípio da não sinonímia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construções complexas; Topicalização; Sujeito; Objeto.

### ABSTRACT

This paper deals with subjective complex constructions, under the theoretical and methodological perspective of *Usage-based Functional Linguistics*. Based on speech samples, a hierarchical network with two levels is organized, considering if it occurs or not topicalized argument constituents. The results show that between the highest level (without topicalization) and the two lower level patterns (with topicalization of Subject or Object), syntactic divergences and semantic similarities reflect pragmatic distinctions and between patterns of the same level, syntactic and semantic differences reflect pragmatic equivalence, and then the Principle of no Synonymy is proved.

**KEYWORDS:** Complex constructions; Topicalization; Subject; Object.

---

1 Universidade Estadual Paulista – Câmpus de São José do Rio Preto. Bolsista produtividade do CNPq; [goncalves.scl@gmail.com](mailto:goncalves.scl@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

A configuração estrutural de certas construções complexas permite que constituintes de uma construção encaixada possam ocorrer fora de sua posição argumental, mais especificamente na periferia à esquerda de uma construção matriz. Interessa-nos, aqui, tratar de complexos oracionais formados por construção matriz impessoal e da posição que Sujeito ou Objeto da construção encaixada assumem na construção complexa, como exemplificam as ocorrências de (1) a (3), agrupadas em três tipos, referidos, daqui em diante, como *Tipo-1*, *Tipo-2* e *Tipo-3*.<sup>2</sup>

- (1) **Tipo-1:** Construção complexa com constituinte Sujeito e/ou Objeto em posição argumental  
meu pai... de tão ruim que era... [[**parece**] [que a coisa ruim *tava* sempre assim *assobian(d)o*...  
a. e... assim... *comichan(d)o* na nos ouvido dele]] pra ele fazê(r) uma... peraltice piOR...  
[AC-110; L. 154]  
[[é:: muito difícil] [você *chegá(r)* nessa parte (que você) onde tá conhecen(d)o realmente a pessoa]]  
b.  
saben(d)o as peças que você tá mexen(d)o ... éh:: [[**fica fácil**] [pra *consertá(r)* as coisa]] [AC-047; L. 124]  
c.  
[AC-029; L. 171-173]
- (2) **Tipo-2:** Construção complexa com constituinte Sujeito fora de sua posição argumental  
de manhã... [[os professor] pô éh: [**parece**] [que *prePara* tudo]] né?  
a. = [[**parece**] [que os professores *preparam* tudo]]  
[AC-015, L. 825]  
essa receita é muito fácil ... e:: [[eu] [**sô(u)** assim muito **difícil**] [pa *aprendê(r)* a *fazê(r)* as coisas]]  
b. = [[é muito **difícil**] [para eu *aprender* a *fazer* as coisas]]  
[AC-036; L. 268]  
por mais dificuldade que você tenha na sua vida se você tivê(r) Deus na sua vida... não que [[eles]  
[**vão sê(r) fácil**] [de *sê(r)* *superado*]] mas você vai conseguí(r) *superá(r)* com mais facilidade  
c. = não que [[vai ser **fácil**] [eles *serem superados*]]  
[AC-092; L. 228]
- (3) **Tipo-3:** Construção complexa com constituinte Objeto fora de sua posição argumental  
eu dobro toalha tam(b)ém ... [[toalha] [é **complicado** **pa caramba** [pa *dobrá(r)*]]]  
a. = [[é **complicado**] [(para) *dobrar* toalha]]  
[AC-016; L. 360]  
Doc.: ...eu gostaria que você me explicasse como que é esse bolo de chocolate  
Inf.: ah ele é assim [[ele] [é fácil [de *fazê(r)*]] né?  
b. = [[é **fácil**] [(de) *fazer* ele (= o bolo)]]  
[AC-048; L.306]

<sup>2</sup> Nas ocorrências deste artigo, representamos, em **negrito**, o predicado matriz, entre colchetes [...] a construção complexa e suas subpartes, em *itálico*, o predicado encaixado, e, em sublinhado, seu(s) argumento(s). Ao final da ocorrência, construímos, em alguns casos, paráfrase da construção, indicada pelo sinal de 'igual' (=), para evidenciar a estrutura argumental da construção encaixada, e identificamos o tipo de amostra do corpus de onde a ocorrência foi extraída, seguido do número do inquirito e da linha em que ela se encontra.

No contraste dos três tipos de construções, o essencial, por ora, é observar que construções do Tipo-1, com Sujeito e/ou Objeto internos à construção encaixada em uma matriz impessoal, representam casos das chamadas *orações subordinadas subjetivas*, padrão não-marcado ou prototípico da categoria, ao qual se associam as construções dos Tipos-2 e 3, com Objeto ou Sujeito à esquerda da matriz impessoal, padrão marcado ou menos prototípico.

Entendendo Topicalização como fenômeno superordenado e pragmaticamente motivado, consideramos mais apropriado, em uma abordagem funcionalista, tratar construções dos Tipos-2 e 3 como instâncias de topicalização (GIVON, 2001, 2012; GÖRSKI, 2013), tendo em vista certa indecisão, mesmo na literatura linguística funcionalista, acerca do tratamento mais apropriado de tais construções, que são interpretadas como fenômeno ora de Topicalização, ora de Alçamento, ora de Deslocamento à esquerda (cf., dentre outros, DIK, 1997, 1979; PRINCE, 1984, 1997; GREGORY; MICHAELIS, 2001; MITTMAN, 2006). Parece evidente que a necessidade de se tentar buscar uma distinção entre esses fenômenos deve-se muito mais às propriedades por eles partilhadas do que quaisquer outras que os particularizam.

Assumindo aqui a perspectiva da *Linguística Funcional Centra no Uso* (LFCU) (BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA et al., 2013), o tratamento conjunto dos diferentes padrões construcionais dos Tipos-1, 2 e 3 permite tratá-los como uma construção com significado, a qual reúne o que há de comum entre eles, reduzindo, assim, o custo de seus processamentos cognitivos. Assim, o “problema” de considerar dos Tipos-2 e 3 como instâncias ou de Topicalização, ou de Alçamento ou de Deslocamento à esquerda é contornado, se consideramos que propriedades comuns a tais fenômenos revelam, entre eles, uma rede de construções por relações de herança (GOLDBERG, 1995).

Para a investigação das motivações que levam à topicalização de constituinte argumental, contrastamos, em nossas análises, padrões construcionais dos Tipos-2 e 3 aos do Tipo-1, que potencialmente favoreceriam a manifestação de tal fenômeno. Essa decisão metodológica implica a exclusão de certos tipos construcionais análogos que, mesmo integrando o padrão genérico das construções, restringem a topicalização do constituinte argumental, a saber: (i) construções encaixadas com predicados existenciais ((4a)): 22 ocorrências; (ii) construções encaixadas com predicados que não apresentam constituintes argumentais claramente expressos, embora recuperáveis no contexto linguístico mais amplo ((4b)): 51 ocorrências; (iii) construções com a própria construção encaixada topicalizada ((4c)): 6 ocorrências; e, (iv) construções com constituintes não-argumentais à esquerda da construção matriz ((4d)): 7 ocorrências; (v) construções em contextos de orações relativas ((4e)): 8 ocorrências; (vi) construções parentéticas ((4f)): 21 ocorrências.

(4) Tipos de construções excluídas das análises

o amido ele sedimenta no fundo... da vasilha...então [[parece [que *tem* algo duro no fundo]]

a. \*[[Algo duro parece [que *tem* no fundo]]

[AC-115; L. 344]

um comprô(u) chácara num qué(r) í(r) mais... que é o pai da E. ... o(u)tro tam(b)ém porque a mulher num qué(r) í(r)... Ø tão querendo vendê(r) o rancho agora ... chato porque... [[**parece** [que Ø tão *querendo vendê(r)* Ø]]... mas [[**num é fácil** [[Ø *vendê(r)* Ø não]]]

- b. = [[**parece**] [que eles *tão querendo vender* o rancho/chácara] / [[não é **fácil**] [*eles venderem* o rancho/chácara]

[[você *julga(r)* os o(u)tros] **é fácil**]] né?... mas quan(d)o acontece na tua família... aí as coisa muda [AC-132; L. 297]

- c. = [[**é fácil** [você *julgar* os outros]]]

tanto é que [[o fundo da casa **parece** [que começa o morro]]] [AC-072; L.638]

- d. = [[**parece** [que o morro *começa* no fundo da casa]]]

então essa lenda é registrada é:: de forma GRÁfica... inicialmente e num [álbum que [[**é difícil**] [de *sê(r)* encontrado]]] [AC-115; L. 249]

- e. = [[**é difícil**] [de o álbum *ser encontrado*]]]

ho::je [os jogadores [**parece-me**] *visam* mais a parte finance(i)ra...] [AC-146, L. 86]

- f. = [[os jogadores] [**parece-me** [que *visam* mais a parte financeira]]]

[AC-141, L. 152]

A investigação empírica toma por base amostras de fala do Banco de Dados IBORUNA, um banco de médio porte (disponível em <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>), com pouco mais de 1,5 milhões de palavras e que registra a variedade do português falado no interior paulista, por meio de uma Amostra do censo (AC) linguístico de parte da região noroeste do estado de SP, e de uma Amostra de interação (AI), gravada secretamente em contextos de interação social livre (GONÇALVES, 2007).

Emprestadando da Sociolinguística a noção de grupo de fatores, conjugamos análises qualitativas e quantitativas, na consideração dos seguintes parâmetros de forma e de sentido das construções em análise: *função sintática do constituinte argumental* (Sujeito/Objeto); *Concordância verbal nos limites da construção matriz e da construção encaixada* ([+/- Concordância]); *formato da construção encaixada* (finito/infinitivo); *tipo de conexão entre construção matriz e encaixada* (justaposição, complementizador, preposição); *semântica da construção matriz* (epistêmica, avaliativa); *relevância tópica* ([+/- relevante]), *referencialidade* ([+/- específico; +/- definido]), *animacidade* ([+/- humano; +/- animado]) e *status informacional* (novo, dado, inferível) *do constituinte argumental*.

Feitas essas considerações, nosso propósito, neste artigo, é confrontar propriedades de forma e de significado das construções em análise, visando verificar como elas instanciam padrões construcionais com e sem topicalização de constituintes argumentais da construção encaixada.

O restante deste artigo estrutura-se em três outras seções: na seção (2.), fornecemos os postulados básicos da LFCU; na seção (3.), apresentamos os tipos construcionais em análise; na seção (4.), discutimos e interpretamos resultados de frequência dos parâmetros de forma e de sentidos das construções. Como conclusão, arrematamos os principais resultados.

## 2. FUNDAMENTOS DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO (LFCU)

Integrando postulados do Funcionalismo norte-americano e do Cognitivismo, a *LFCU* (FURTADO DA CUNHA et al., 2013) ou *Modelos baseados no uso* (BYBEE, 2010) constitui, hoje, importante referencial para abordagem de fenômenos linguísticos dos mais variados níveis linguísticos de análise. Sua ideia básica é a de que a língua, como sistema adaptativo complexo que exhibe, ao mesmo tempo, estrutura e considerável variância e gradiência, nunca deve ser considerada produto acabado, mas sempre emergente da aplicação ritualizada de processos subjacentes aos eventos comunicativos a que nossas habilidades cognitivas constantemente se adaptam (BYBEE, 2010). Nesse sentido, a dinâmica das línguas confere a elas uma estabilidade relativa que descarta a existência de regras fixas aplicáveis a qualquer situação, postulado que direciona o analista a ter de desvelar a interdependência entre forma e sentido das construções linguísticas, sempre considerando contextos reais de uso da língua.

Segundo Bybee (2010), na busca de explicações das propriedades observadas nas estruturas linguísticas, torna-se mais coerente e econômico “derivar a língua da não língua” (p. 196), considerando que processos específicos às línguas podem ser mais bem compreendidos a partir de processos cognitivos de domínio geral. No quadro 1, resumimos o modo como os mesmos tipos de processos atuam na cognição geral e na língua.

Processos	Atuação na cognição geral	Atuação na língua
<i>Categorização</i>	Categorias perceptuais são criadas a partir das nossas experiências.	Entidades linguísticas associam-se a representações exemplares disponíveis no sistema linguístico.
<i>Chunking</i>	Tarefas cognitivas e neuromotoras são aprimoradas com a prática.	Sequenciais linguísticas complexas que, formadas de sequências de unidades repetidas, são acessadas como unidades simples de processamento.
<i>Memória enriquecida</i>	Memórias não linguísticas têm impacto sobre as representações cognitivas e as estruturas neurológicas.	Detalhes da experiência com a língua são estocados na mente, por meio de seu mapeamento (ou categorização) em representações existentes.
<i>Analogia</i>	Manifesta-se em termos de estruturas relacionais sobre estímulos visuais, como cenas, formatos e cores etc.	Expressões novas são criadas com base em experiências linguísticas prévias.
<i>Associação transmodal</i>	Experiências coocorrentes tendem a se manter cognitivamente associadas.	Sentido e forma são ligados por elo simbólico de associação.

(BYBEE, 2010, p.6-8, com adaptações)

**Quadro 1:** Processos cognitivos de domínio geral e processos específicos à língua.

Investigar esses processos implica entender como a experiência com a língua afeta sua representação, como a frequência de uso das formas da língua impacta sua estrutura e como usos linguísticos particulares se relacionam com padrões gerais. Assim procedendo, o foco de atenção volta-se diretamente para a natureza da gramática, sem desconsiderar sua variância e sua gradiência. É, então, sob esse viés teórico-metodológico que a LFCU rejeita a autonomia da sintaxe e conjuga a semântica e a pragmática na análise da estrutura linguística. Como os usuários da língua armazenam padrões construcionais e não informações lexicais individuais, a *construção*, na LFCU, passa a ser a unidade de análise mais adequada para a representação morfológica e sintática, sem distinção estrita entre léxico e gramática.

As construções da língua (morfemas, estruturas sintáticas, expressões idiomáticas e, até mesmo, padrões textuais) são definidas como unidades simbólicas e convencionais da gramática e representam “rotinas consolidadas (‘uma unidade’), que, geralmente utilizadas (‘de modo convencional’) na comunidade de fala, envolvem pareamento (‘simbólico’) de forma e significado”<sup>3</sup> (CROFT, 2005, p. 274). O esquema mostrado na figura 1 resume essa concepção e explicita em que consistem os polos da forma e do significado.

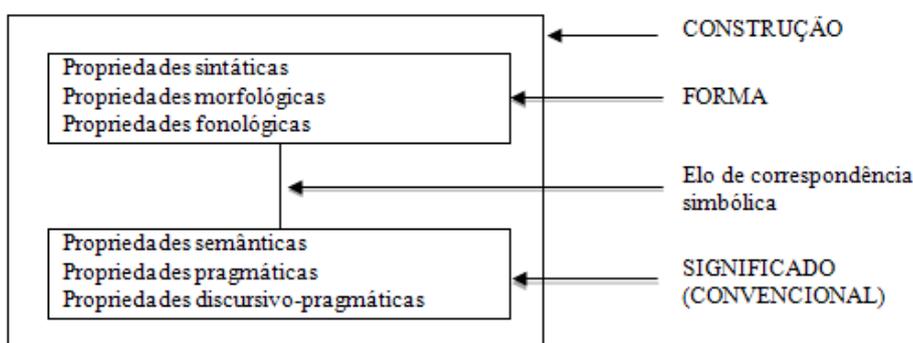


Fig. 1: Modelo de estrutura simbólica de uma construção (CROFT, 2001, p. 18)

Independentemente de suas partes constitutivas, a construção, como entidade teórica, representa um esquema abstrato, um modelo capaz de reunir semelhanças entre elementos de mesma natureza, tornando-se, assim, essencial para descrição efetiva de padrões não usuais, especialmente complexos, e padrões regulares, básicos, da língua, sem necessidade de ter de derivar um padrão de outro. De acordo com Goldberg (1995, 2003), generalizações linguísticas particulares podem ser apreendidas por meio de uma hierarquia de heranças entre construções, enquanto generalizações amplas são captadas por construções herdadas de muitas outras construções. Padrões mais limitados são captados pela colocação de construções em vários pontos mediais da rede hierárquica e padrões excepcionais, pelas construções de níveis mais baixos. De acordo com Goldberg (1995), a organização linguística de redes construcionais é regulada pelos quatro princípios básicos explicitados no quadro 2.

3 Cf. original: “Roughly, a construction is an entrenched routine (‘unit’), that is generally used in the speech community (‘conventional’), and involves a pairing of form and meaning (‘symbolic’).”

Princípios	Explicitação
<i>Motivação maximizada</i>	Entre duas construções sintaticamente relacionadas deve haver motivações semânticas e pragmáticas.
<i>Não sinonímia</i>	Entre construções sintaticamente diferentes deve haver também diferenças semânticas e/ou pragmáticas.
	<i>Corolário A:</i> duas construções sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas devem ser pragmaticamente distintas. Aspectos pragmáticos particulares da construção envolvem estrutura da informação (Tópico e Foco) e aspectos estilísticos, como registro.
	<i>Corolário B:</i> duas construções sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas devem ser semanticamente distintas.
<i>Poder expressivo maximizado</i>	O inventário de construções é maximizado para atender a propósitos comunicativos.
<i>Economia maximizada</i>	Diante do Princípio (c), o número de construções distintas é minimizado tanto quanto possível.

(GOLDBERG, 1995, p. 67-68)

**Quadro 2:** Princípios psicológicos relevantes para organização linguística de redes construcionais.

Desses princípios, Goldberg (1995, p. 75-81) deriva quatro tipos de ligações entre construções: (a) *por polissemia* (relação entre um sentido específico e alguma extensão desse sentido); (b) *por subpartes* (uma parte de outra construção existe independentemente, constituindo outra construção particular); (c) *por instanciação* (elementos fixos de uma construção específica podem instanciar outra); (d) *por extensão metafórica* (da projeção do sentido de uma construção, pode-se construir uma outra construção de um outro domínio).

### 3. CONSTRUÇÕES COMPLEXAS SUBJETIVAS

O princípio da motivação evidencia o funcionamento relacional do sistema linguístico, por meio do qual um padrão construcional sintático-semântico predominante estrutura diversos outros. A construção mais genérica [[SUJ] [PRED]], independentemente da ordenação e complexidade estrutural internas de suas subpartes, motiva uma ampla rede de construções, tanto simples como complexas, como pode ser observado por meio do contraste entre os padrões construcionais dados em (5) e (6).

- (5) Construção simples [[SUJ] [PRED]]
- [[meu quarto]SUJ [é **simples**]PRED] [AC-028, L. 82]
  - [[eu]SUJ [**visitava** muita agência]PRED] [AC-051, L. 45]
  - [[**diferente**]PRED [a cultura deles]SUJ] [AC-094, L. 133]
  - ai [[**chegou**]PRED [a hora do almoço]SUJ] [AC-08, L. 16]
- (6) Construções complexas [[SUJ] [PRED]]
- [[ele]SUJ [**ficô(u) sabendo** [que [[eu]SUJ [*tinha me separado*]PRED]]]PRED] [AC-076, L.10]
  - ah... [[você]SUJ [**precisa** de [[ $\emptyset$ ]SUJ [*fazê(r)* isso daqui... um ultra-som]PRED]] PRED] [AC-140, L. 76]

- c. tê(r) uma panelinha de ferro ... [[**parece**]PRED [que [[o sabor]SUJ [é o(u)tro]PRED]]SUJ] [AC-140, L. 352]
- d. o médico achô(u) que [[**seria bom**]PRED [[ $\emptyset$ ]SUJ [saí(r) na internet...]PRED]]SUJ] [AC-152, L. 75]
- e. [[o incrível]SUJ [(é) [que [[ela]SUJ [não ficô(u) com medo]PRED]]]PRED] [AC-062, L. 167]

Dentre esses diferentes tipos de construções, a construção [[SUJ][PRED]] pode ser considerada o padrão genérico mais produtivo que motiva os padrões construcionais de construções simples ((5)) e complexas ((6)). Nesta análise, postulamos, para as construções complexas, participação em uma ampla rede de construções, configurada nos seguintes níveis:

(i) a construção [[SUJ] [PRED]], padrão genérico da rede, é lexicalmente aberta e determina a regularidade do sistema; suas subpartes estabelecem entre si uma relação de predicação;

(ii) construções complexas, obedecendo à mesma configuração básica, também sustenta entre as subpartes uma relação de predicação, mas com diferentes configurações;

(iii) diferenças entre construções simples e complexas são estabelecidas pela complexidade estrutural interna de suas respectivas subpartes, as quais mantém equivalência funcional entre um padrão e outro;

(iv) também tornam assimétricas as construções em rede propriedades semântico-pragmáticas de suas subpartes, tais como tipos semânticos e distribuição de informação da própria subparte e de seus constituintes internos.

Dessa rede de construções, nosso interesse se volta para os padrões formados por [SUJ] complexo encaixado em uma construção matriz impessoal com função de [PRED], como exemplificam as ocorrências em (6c) e (6d).<sup>4</sup>

Construções subjetivas podem ser consideradas metaforicamente estruturadas, porque se desviam do protótipo da categoria [SUJ] (cf. (5)), cuja função é codificar, por meio de núcleo nominal, um *indivíduo*, entidade de 1ª. ordem localizada no tempo e no espaço e avaliada pela sua existência, dadas suas propriedades perceptuais relativamente estáveis. Assim, a entidade *indivíduo*, codificada exclusivamente por construções nominais, metaforicamente se estende e, em construções complexas, cede lugar a entidades de ordens superiores, codificadas por construções com núcleo nominal ou verbal. Construções subjetivas com núcleo verbal podem, então, representar *estado-de-coisas* ou *proposição*, entidades de 2ª. e 3ª. ordem, respectivamente. *Estado-de-coisas*, por referir eventos que ocorrem no espaço e no tempo, é avaliado somente em termos de sua realização. *Proposição*, por referir construtos mentais sem lugar no espaço e no tempo, só pode ser avaliada em termos de verdade/falsidade (LYONS, 1977).<sup>5</sup>

4 Para maior clareza, daqui em diante, nos referiremos ao complexo oracional [[SUJ] [PRED]] como *construção complexa subjetiva*, à construção [SUJ], como *construção subjetiva (encaixada)* e à construção [PRED], como *construção matriz*.

5 É a semântica da construção matriz que confere à subordinada estatuto de *estado-de-coisas* ou de *proposição*. Classificações semânticas de predicados matrizes são variadas e com pouca superposição de tipos (cf. NOONAN, 2007 [1985]; DIXON, 2006; NEVES, 2000, dentre outros), uma vez que a maioria delas privilegia predicados somente de natureza verbal. Adotamos, nesse artigo, a classificação de Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008), que inclui predicados matrizes de natureza morfológica variada (nominais, verbais e adjetivais).

Com base nessa distinção, nas construções complexas subjetivas, a construção matriz tem por função expressar um julgamento do falante (ou por ele atribuído a terceiros) sobre o estado-de-coisas ou sobre a proposição representados pela construção subjetiva. Tomemos (6c) e (6d) como exemplos do funcionamento de construções complexas subjetivas. Em (6c), a construção subjetiva [*o sabor é outro*] é uma proposição possível de ser verdadeira, com base no julgamento epistêmico do falante, expresso na construção matriz com o predicado *parecer*; já, em (6d), a construção subjetiva [(o depoimento da paciente) *sair na internet*] é um estado-de-coisas ainda não realizado, mas julgado por terceiro (*o médico*) como “bom”, por meio do predicado da construção matriz. Assim, enquanto sobre proposições incidem predicados epistêmicos, sobre estado-de-coisas incidem predicados avaliativos, ambos podendo ser de base verbal ou nominal (adjetivo e nome).

Não obstante as propriedades assimétricas que particularizam os diferentes padrões de construções complexas subjetivas mostrados na introdução deste artigo, são as semelhanças entre eles que vão definir, por “efeito de prototipia”, o membro que melhor representa a categoria. Dessa forma, a construção complexa subjetiva eleita como genérica da categoria e os padrões construcionais particulares a ela associados são mostrados no quadro 3, em (a) e (b), respectivamente.

<b>a. Configuração genérica de construções complexas subjetivas</b>	
Semântica: [Julgamento]	[estado-de-coisas/proposição]
↓↓	
Sintaxe: [[[COP) PRED <sub>V/ADJ</sub> ] <sub>MATRIZ</sub> IMPESSOAL[[CONNECT) (ARG) <sub>SUJ</sub> PRED (ARG) <sub>OBJ</sub> ] <sub>SUBJETIVA</sub> ]	
<b>b. Padrões construcionais de construções complexas subjetivas com matriz epistêmica ou avaliativa</b>	
<b>Tipo 1:</b> [[[COP) PRED <sub>V/ADJ</sub> ] <sub>MAT</sub> IMPES <sub>AV/EP</sub> [[CONNECT) (ARG) <sub>SUJ</sub> PRED (ARG) <sub>OBJ</sub> ] <sub>SUBJETIVA</sub> ]	
<b>Tipo 2:</b> [[ARG <sub>SUJ</sub> ] <sub>TOP</sub> [[COP) PRED <sub>V/ADJ</sub> ] <sub>MAT</sub> IMPES <sub>AV/EP</sub> [[CONNECT)(ARG) <sub>SUJ</sub> PRED(ARG) <sub>OBJ</sub> ] <sub>SUBJETIVA</sub> ]	
<b>Tipo 3:</b> [[ARG <sub>OBJ</sub> ] <sub>TOP</sub> [[COP) PRED <sub>ADJ</sub> ] <sub>MAT</sub> IMPES <sub>AV</sub> [[CONNECT)(ARG) <sub>SUJ</sub> PRED (ARG) <sub>OBJ</sub> ] <sub>SUBJETIVA</sub> ]	
“(…)”: ocorrência opcional; “.../...”: exclusividade mútua; “. ” : propriedades cumulativas	

**Quadro 3:** Configurações de construções complexas subjetivas.

De acordo com as configurações mostradas no quadro 3, o protótipo da categoria, em (a), apresenta as seguintes propriedades (GONÇALVES, 2001; 2011): (i) construção matriz impessoal (com morfologia de 3ª. pessoa do singular) em função predicativa, com cópula, se o predicado é adjetival ou nominal, ou sem cópula, se o predicado é verbal; (ii) presença ou ausência de conectivo ligando construção matriz e construção encaixada: complementizador *que*, se a construção encaixada é finita, e preposição *de*, *para* ou *zero*, se a construção encaixada é infinitiva; (iii) construção subjetiva encaixada à direita da construção matriz, mas possível de ocorrer à esquerda, se a infinitiva constituir tópico; (iv) construções matrizes com função semântico-pragmática de expressar algum tipo de julgamento (inter)subjetivo do falante a propósito do conteúdo comunicado na construção subjetiva, construído ou como estado-de-coisas ou como proposição; o julgamento pode ser deontico, epistêmico ou avaliativo. Em (7), exemplificamos construções subjetivas prototípicas.

(7)		Construções complexas subjetivas prototípicas	
	a.	[[ <u>meu pai...</u> NOssa... <i>tê(r)</i> <u>uma filha mãe solteira em casa</u> ]SUJ [era <b>uma morte</b> pra ele]PRED.AV]	[AC-104, L. 17]
	b.	[[até <u>eu escolhé(r)</u> o sabor <u>que eu quero</u> ]SUJ [ <b>demora</b> ]PRED.AV]]	[AC-010, L.269]
	c.	[[ <b>basta</b> ]PRED.DEO [o <u>governo</u> <i>tentá(r)</i> <i>fazê(r)</i> o <u>quê?</u> ]SUJ] realmente educá(r)... <i>cê</i> entendeu?	[AC-057, L. 377]
	d.	[[ <b>Parece</b> ]PRED.EPIST [que <u>a gente</u> <i>tá sempre</i> <i>queren(d)o</i> <u>mais</u> ]SUJ]	[AC-116, L. 333]

De acordo com o quadro 3, os padrões construcionais em (b), como integrantes da categoria, particularizam construções complexas subjetivas com matriz epistêmica ou avaliativa, não somente pela forma, mas também pelas diferentes funções discursivas que elas cumprem no ato comunicativo, como mostram as ocorrências de (1) a (3) e as de (8) a (10).

(8)		Tipo-1: Construções complexas subjetivas sem topicalização de constituinte argumental	
	a.	[[num foi <b>fácil</b> ]PRED.AV [a gente <i>passá(r)</i> esses onze anos]SUJ]	[AC-133; L. 70]
	b.	naquela época [[ <b>parece</b> ]PRED.EPIST [que tudo era mais <i>fácil</i> né?]SUJ]	[AC-082; L.151]
(9)		Tipo-2: Construções complexas subjetivas com topicalização de constituinte Sujeito	
	a.	de manhã [[os professor pô éh::]SUJ.TOP[ <b>parece</b> ]PRED.EPIST [que <i>prePara</i> tudo]SUJ] = [[ <b>parece</b> ] [que os professores <i>preparam</i> tudo]]	[AC-015, L.820]
	b.	[[o namoro]SUJ.TOP [é <b>difícil</b> [pra <i>andá(r)</i> pra frente né?]SUJ]] ... eu a/ eu penso assim = [[é <b>difícil</b> ] [para o namoro <i>andar</i> pra frente]]	[AC-046, L. 414]
(10)		Tipo-3: Construções complexas subjetivas com topicalização de constituinte Objeto	
	a.	[[toalha]OBJ.TOP [é <b>complicado</b> pa caramba]PRED.AV [pa <i>dobrá(r)</i> ]SUJ] = [[é <b>complicado</b> ] [pra <i>dobrar</i> toalha]]	[AC-016, L. 360]

Mantendo as propriedades das construções complexas subjetivas prototípicas anteriormente descritas, construções matrizes impessoais dos Tipos-1 e 2 são formadas por predicados avaliativos (*fácil, difícil, complicado*) ou epistêmicos (*parecer*), ao passo que as do Tipo-3, somente por predicados matrizes avaliativos. Outro aspecto que as diferenciam diz respeito à ordenação sintática dos constituintes argumentais da construção subjetiva. Apesar de, nos três tipos, ser preservada a relação semântica entre o predicado da construção subjetiva e seus argumentos Sujeito e/ou Objeto, uma ruptura no arranjo convencional entre eles é observada nas construções dos Tipos-2 e 3. Por razões discursivas e estruturais, Sujeito ou Objeto assume posição pré-verbal, típica de Sujeito, na construção matriz impessoal, sem que isso leve a problema de interpretação semântica.

Em construções dos Tipos-2 e 3, a principal motivação para alguns autores considerarem o argumento da construção subjetiva como Sujeito da construção matriz é atribuída a pressões estruturais da construção subordinada, que, se dessentencializada (predicado encaixado infinitivo), “força” um de seus argumentos, principalmente o Sujeito, a ocorrer no domínio da matriz, onde desencadearia

relações de Caso e de Concordância, fenômeno comumente interpretado como de Alçamento e subtipos (NOONAN 2007 [1985]; LEHMANN, 1988; MARTINS; NUNES, 2005; DUARTE, 2009).<sup>6</sup> Entretanto, a posição que o argumento assume na construção complexa parece mais bem justificada por motivação discursivo-pragmática, como defendemos aqui.

Basicamente, em uma sentença, as posições reservadas a Sujeito e a Tópico coincidem, no sentido de que tanto um quanto outro constituem informação velha ou marcadores de continuidade tópica (GIVÓN, 2012). Além disso, se Concordância verbal é considerada primariamente propriedade de Tópico, e só secundariamente de Sujeito, como defende Givón (1976)<sup>7</sup>, a dessentencialização da construção encaixada deixa de ser considerada decorrência necessária da Topicalização (ou de Alçamento).

Langacker (1995) argumenta que, mais do que funções semânticas e sintáticas, em termos cognitivo-funcionais, é a saliência cognitiva de uma cena ou de um de seus participantes que explicaria Sujeitos e Objetos serem focalizados numa sentença, e não a simples natureza “gramatical lógica” da sentença. São palavras do próprio autor (p. 24).

Um sujeito é caracterizado como um trajector [*trajector*] de nível oracional, i.e., a figura principal na relação emoldurada, e um objeto, como um ponto de referência [*landmark*] de nível oracional (figura secundária). [...] O estatuto de trajector e ponto de referência, pensado como um projeção de proeminência focal, pode se direcionar a qualquer entidade de uma cena. Certos constituintes [...] com saliência cognitiva intrínseca tendem a atrair mais fortemente para si essa projeção. Essa tendência, entretanto, pode se anular, particularmente por razões discursivas.<sup>8</sup>

Nessa perspectiva de Langacker (1995), a configuração de construções subjetivas depende do modo da conceptualização de uma cena para fins expressivos. O falante pode escolher um dos participantes da cena enunciada, e, a partir dele, conceptualizar o conteúdo que comunica (Tipos-2 e 3), ou escolher a localização abstrata da própria cena (Tipo-1), se nenhum participante é comunicativamente saliente. A saliência cognitiva de que trata o autor pode ser apreciada com base em fatores semântico-pragmáticos mais específicos, como *definitude*, *topicalidade*, *animacidade* e *status informacional*, os quais determinam a acessibilidade de referentes no discurso.

Segundo Givón (2012), dependendo do grau de dificuldade que o falante assume que o ouvinte possa ter na identificação de um referente de discurso, construções de tópico ocorrem como estrutura

6 Subtipos de Alçamento incluiriam *hiperalçamento* (DUARTE, 2007), identificado por traço de concordância do DP alçado tanto na oração matriz quanto na encaixada, e *Copy raising* ou *Super-raising* (DUBINSKY *et al.*, 2006; p. 136-137), por retenção de pronome cópia do constituinte alçado na oração encaixada.

7 Como comprova Givón (1976), a concordância surge diacronicamente via reanálise de Tópico em Sujeito, e a gramaticalização de Tópicos em Sujeitos não significa que a língua perdeu a construção de Tópico, mas sim que ela ganhou concordância gramatical como propriedade de codificação morfológica adicional do seu sujeito gramatical.

8 Cf. original: “A subject is characterized as a clause-level trajector, i.e., the primary figure within the profiled relationship, and an object as a clause-level landmark (secondary figure). [...] Trajector and landmark status are better thought of as spotlights of focal prominence that can be directed at various entities within a scene. Certain elements [...] have intrinsic cognitive salience and tend to attract the stronger spotlight. These tendencies can, however, be overridden, particularly by discourse considerations.”

marcada. O fato de Sujeito ser sempre definido, na maioria das línguas, mostra que, no discurso, “Sujeito-tópico serve como ponto de continuidade, o *leitmotif*, o fio sobre o qual os humanos fazem afirmações em cadeias multiproposicionais” (p. 93).

Givón (2001) postula que um constituinte é tópico não porque ocorre como Sujeito na sentença, mas porque é tópico ao longo do discurso multiproposicional, propriedade apreensível em termos de *acessibilidade referencial* (recuperação anafórica do referente) e *relevância temática* (persistência catafórica do referente). Segundo o autor, a posição de Sujeito (tópico primário) e Objeto (tópico secundário) guarda relação com o uso pragmático da ordenação das palavras. Assim é que um constituinte argumental, dada sua importância tópica, pode ocorrer fora de sua posição canônica para a de tópico primário ou secundário, o que nos leva a supor que Caso/Concordância não necessariamente são propriedades que se sobrepõem à de Tópico.

Sob esses argumentos funcionais, a posição pré-verbal da construção [SUJ], em construções genéricas, como as mostradas em (5), revela que uma mesma posição pré-verbal encontra-se disponível em construções com predicados matrizes impessoais, como as mostradas em (7), e pode ser ocupada por qualquer constituinte com função de tópico, como mostram as construções em (9) e (10). Assim, parece inócua a discussão da primazia entre as funções Tópico e Sujeito do constituinte que ocorre à esquerda da construção matriz, pela simples coincidência de ele ocorrer em posição pré-verbal.

Não devemos ignorar, entretanto, que a forma dos padrões construcionais dos Tipos-2 e 3 pode ter algum impacto na estruturação das construções complexas subjetivas, na medida em que se torna possível distinguir padrões mais e menos gramaticalizados no processo de combinação de suas subpartes. A rotinização de padrões mais gramaticalizados pode promover uma reanálise de suas subpartes, motivada por processo de analogização ao padrão genérico das construções [[SUJ][PRED]], de forma a se restabelecer a sistematicidade da língua em que Sujeitos nominais referenciais tendem a preceder o predicado a que se ligam.

Tal expectativa se ampara na literatura funcionalista sobre processos de combinação de orações. Lehmann (1988, p. 208-215), ao interpretar construções de alçamento semelhantes às de topicalização dos Tipos-2 e 3, aponta que tais construções favorecem tanto maior entrelaçamento de suas subpartes quanto maior dessentencialização da construção subjetiva, com base nos seguintes argumentos: (i) uma informação particularmente saliente da oração subordinada (i.e., um de seus argumentos) é antecipada na oração principal; (ii) a oração subordinada está fortemente entrelaçada à matriz, porque sintagmas subordinados funcionam como Sujeito ou Objeto da oração principal; subordinadas infinitivas revelam tanto dessentencialização como maior entrelaçamento com a principal, posto que o alçamento é controlado pelo predicado matriz e, portanto, a subordinada é por ele regido; (iii) não ocorre casos de alçamento fora de orações objetivas e subjetivas.

Se, de algum modo, Topicalização em construções dos Tipos-2 e 3 se confunde com Alçamento ou com Deslocamento à esquerda, certamente é porque esses fenômenos têm motivações funcionais

semelhantes.<sup>9</sup> Sob perspectiva da LFCU, tais fenômenos poderiam se integrar, sem que sejam postas em evidência apenas suas dessemelhanças. Essa é a razão que nos leva a reinterpretar tais construções como casos de Topicalização, diferentemente de nossos trabalhos anteriores sobre os mesmos tipos de construção (GONÇALVES, 2015).

#### 4. FREQUÊNCIA DE PADRÕES DE CONSTRUÇÕES COMPLEXAS SUBJETIVAS

Levantamos no *cópus* de análise de 145 ocorrências de construções complexas subjetivas com e sem topicalização, como mostra o resultado mais geral na tabela 1.

**Tab. 1:** Resultado geral do levantamento de construções complexas subjetivas (com e sem topicalização)

Construção	Sem topicalização		Com topicalização				Total	
	Tipo-1		Tipo-2 (SUJ)		Tipo-3 (OBJ)		N	%
matriz	N	%	N	%	N	%	N	%
Avaliativa	40	71,5	7	12,5	9	16,0	56	39
Epistêmica	58	65,1	31	34,9	♦	♦	89	61
Total	98/145 (67,6%)		38	26,2	9	6,2	145	
			47/145 (32,4%)					

Do total de construções levantadas, construções complexas com matriz epistêmica ocorrem com frequência mais acentuada (61%) do que com matriz avaliativa (39%), distribuição que se encontra refletida na frequência dos Tipos-2 e 3. Em cerca de 1/3 das construções complexas, ocorre topicalização de constituinte argumental (47/145=32,5%), sendo mais frequente a topicalização de Sujeito (38/47=26,2 %), propiciada mais por matrizes epistêmicas do que por avaliativas. Considerando a frequência como um dos critérios de prototipicidade, esse resultado geral confirma que construções do Tipo-1, de fato, se alinham ao padrão genérico das construções complexas subjetivas (cf. quadro 3) e que construções dos Tipos-2 e 3 estão associadas às do Tipo-1 por relação de herança.

A forte correlação entre matrizes epistêmicas e topicalização de Sujeito deve-se ao fato de o tipo de predicado da construção matriz, o predicado *parecer*, não propiciar topicalização de Objeto, ao passo que matrizes com predicados avaliativos ocorrem com topicalização tanto de Sujeito quanto de Objeto. Esse resultado é indicativo da relevância do significado da matriz para o reconhecimento de padrões sintáticos distintos de construções complexas subjetivas, confirmando o Princípio da não sinonímia e seu corolário B (cf. quadro 2).

##### 4.1. Parâmetros de forma

Iniciando pela verificação de concordância verbal (CV, daqui em diante) nos limites da construção matriz, “uma das mais aclamadas propriedades de Sujeito” (GIVON, 2012, p. 273], vejamos os resultados expostos na tabela 2.

<sup>9</sup> Por limitação de espaço, não discutiremos aqui semelhanças e diferenças entre esses fenômenos. Remetemos o leitor interessado a consultar Dik (1979, 1997), Prince (1984, 1997), Lehmann (1988), Gregory e Michaelis (2001), Garcia-Velasco (2011) e Gonçalves (2015) para citar alguns.

**Tab. 2:** *Relação de concordância do argumento topicalizado na construção matriz*

Concordância na matriz	Tipo-3 (OBJ)		Tipo-2 (SUJ)		Total	
	N	%	N	%	N	%
[+ CV não-marcada] (forma de 3PS)	9	22	32	78	41	87,2
[+ CV marcada]	♦	♦	3	100	3	6,4
[- CV marcada]	♦	♦	3	100	3	6,4
Total	9	19	38	81	47	

As frequências na tabela 2 sugerem alto índice de CV na construção matriz (93,6% dos casos). Entretanto, casos de [+ CV não-marcada] referem-se a constituintes cuja forma de 3ª. pessoa do singular não exige CV no domínio da matriz, que, por si, é uma construção impessoal. Entre esses casos, incluem-se SN pleno, pronomes de 2ª. e 3ª. pessoas do singular e de 1ª. pessoa do plural (*a gente*) e de 1ª. pessoa do singular com forma verbal indistinta de 3ª. pessoa (*eu parecia*). Desse modo, no PB, CV parece mesmo não ser critério forte o suficiente para atribuição da função de Sujeito ao constituinte topicalizado, porque na construção matriz é regra categórica traço de 3ª. pessoa do singular.

Sobre esses resultados, observação importante ainda refere-se às propriedades tópicas de argumentos Sujeito (tópico primário) e Objeto (tópico secundário) no desencadeamento de [+ CV marcada]. Objetos topicalizados (Tipo-3) nunca apresentam potencial de desencadear CV inequívoca na construção matriz, por todos serem formas de 3ª. pessoa do singular, ao passo que somente sujeitos topicalizados (Tipo-2) são candidatos potenciais ao cumprimento de tal regra. Entretanto, mesmo apresentando traço morfológico forte o suficiente, sujeitos topicalizados nem sempre desencadeiam [+ CV marcada], porque, no PB, essa regra é variável. É o que se verifica entre seis dos casos, que se dividem igualmente entre [+ CV marcada] e [- CV marcada] (6,4%). Dentre os três casos de [+ CV marcada], dois se referem a pronome de 1ª. pessoa do singular ((11a) e (11c)) e um, a 3ª. do plural ((11b)). Casos de [- CV marcada] referem-se todos a constituintes 3ª. pessoa do plural ((12)), que podem inclusive reter traços de [+ CV marcada] e pronome cópia na construção encaixada ((12a)).

(11) [+ CV marcada] na matriz

- a. e:: [[eu] [**sô**(u) assim muito **difícil**] [pa *aprendê(r)* a *fazê(r)* as coisas]]  
= [[é muito **difícil**] [para eu *aprender a fazer* as coisas]]

[AC-036; L. 268]

- b. por mais dificuldade que você tenha... se você tivê(r) Deus na sua vida... não que  
[[eles] [**vão sê(r)** **fácil**] [de *sê(r)* *superado*]] mas você vai conseguí(r) superá(r)  
com mais facilidade...  
= [[vai ser **difícil**] [de eles *serem superados*]]

[AC-092; L. 228]

- c. tenho só vinte e sete anos mas tem hora que:: [[eu] [**pareço**] [que *tenho* cinquenta]]  
= [[**parece**] [que eu *tenho* cinquenta]]

[AC-026, L. 58]

(12) [- CV marcada] na matriz

- a. [[as torres] **parece**] [que elas *vão alcançá(r)* o céu ]] de tão grande...  
= [[**parece**] [que as torres *vão alcançar* o céu]]

[AC-084; L. 66]

- b. de manhã... os professor pô éh: **parece** [que *prePara* tudo]  
= [[**parece**] [que os professores *prepara* tudo]

[AC-015, L. 825]

- c. os pais::... [[eles] **parece**] [que *tem* uma barre(i)ra]] com a gente que é incrível  
= [[**parece**] [que eles *tem* uma barreira]

[AC-086; L. 524]

Os raros casos de [+ *CV marcada*] seriam os que, de fato, validariam a interpretação dos constituintes topicalizados também como Sujeito gramatical, o que, ainda assim, não descarta a hipótese de primeiramente considerá-los como tópico, uma vez que Tópico e Sujeito não são propriedades excludentes.

No contraste dos resultados de frequência, casos de [+ *CV marcada*] sugerem que construções dos Tipos-2 e 3 são mais gramaticalizadas do que as do Tipo-1, porque revelam: (i) um dos modos como, no PB, Tópico pode se gramaticalizar em Sujeito (GIVÓN, 1976); (ii) maior integração do argumento topicalizado à matriz e, portanto, maior entrelaçamento entre matriz e encaixada pelo compartilhamento de Sujeito e, em dois dos casos, também pela dessentencialização da encaixada (LEHMANN, 1988); (iii) uma possível reanálise nos limites da construção matriz, que, por analogização, restabelece o padrão básico de construções complexas do PB [[SUJ][PRED]], com a construção [SUJ] reservada à codificação de indivíduos e a construção [PRED], à de estado-de-coisas e proposições, como mostrado em (5) e (6); (iv) uma conseqüente reanálise também nos limites da construção [PRED], que levaria a construção subjetiva a ser reinterpretada como complemento de um predicado adjetival ((11a) e (11b)), por força do conectivo preposicional *de/para* (GÖRSKI, 2001, 2013), ou de um predicado verbal ((11b)) (KATO; MIOTO, 2000). Essas reanálises, em decorrência de [+ *CV marcada*], são mostradas em (13), a partir das ocorrências em (11).

(13) Reanálise de construções complexas subjetivas dos Tipos-2 e 3

- a. [ [eu]TOP.SUJ [sô(u) muito **difícil** [pa *aprendê(r)* a *fazê(r)* as coisas]]PRED]
- b. [ [eles]TOP.SUJ [vão sê(r) fácil [de *sê(r)* *superado* ]]]PRED]
- c. [ [eu]TOP.SUJ [**pareço** [que [[ $\emptyset$ ]SUJ [*tenho* cinquenta ]]]PRED]]]  
PRED]

Dos tipos mostrados em (13), construções com matrizes avaliativas ((13a) e (13b)), independentemente do tipo de argumento topicalizado, são mais gramaticalizadas do que construções com matrizes epistêmicas, pelo tipo de conectivo e formato da construção encaixada, os quais passamos a explorar com mais detalhes a partir dos resultados da tabela 3.

**Tab. 3:** Formato da construção subjetiva e tipo de conexão entre matriz e encaixada (com e sem topicalização)

Construção encaixada/Conectivo/ Construção matriz			Sem topicalização		Com topicalização				Total	
			Tipo-1		Tipo-2 (SUJ)		Tipo-3 (OBJ)			
			N	%	N	%	N	%	N	%
Infinitiva	Zero	Avaliativa	32	89	3	8,3	1	2,7	36	24,8
		Epistêmica	♦	♦	1	100	♦	♦	1	0,7
	para de	Avaliativa	5	56	3	33	1	11	9	6,2
		Avaliativa	3	27,2	1	9,1	7	63,7	11	7,6
Finita	que	Epistêmica	58	66	30	34	♦	♦	88	60,7
Total			98/145 (67,6%)		38	26,2	9	6,2	145	
					47/145 (32,4%)					

Do total de construções, embora subjetivas finitas (60,7%=88/145) sejam mais frequentes do que infinitivas (juntas 39,3%=57/145), a frequência de 38,6% (= 56/145) das infinitivas juntas deve-se, sobretudo, ao fato de matrizes avaliativas ocorrerem categoricamente com encaixadas infinitivas, independentemente de se ocorre ou não topicalização, o que significa dizer que não ocorrem, no *cópus*, casos de matrizes avaliativas com subjetiva finita. Dos 31 casos de topicalização com matrizes epistêmicas (Tipo-2), somente um ocorre com subjetiva infinitiva, como mostra a ocorrência em (14).

(14) Topicalização de Sujeito com matriz epistêmica e subjetiva infinitiva

- a. [[o cara] [num parece [tê(r) setenta anos de idade]]  
= [[não parece] [que o cara *tem* setenta anos de idade]]

(AI-005; L.178)

Contrastando os resultados dos Tipos-2 e 3, observamos uma distribuição complementar entre matrizes avaliativas e epistêmicas quanto ao formato da subjetiva: enquanto matrizes avaliativas ocorrem **categoricamente** com subjetivas infinitivas (16/16) e admitem topicalização tanto de Sujeito (7/16) quanto de Objeto (9/16), matrizes epistêmicas raramente variam no formato da subjetiva (30 finitas e 1 infinitiva) e admitem topicalização **somente** de Sujeito (31/31). O forte indício de a semântica da matriz restringir o formato da subjetiva é mais uma evidencia favorável ao *Princípio da não sinonímia* e seu corolário B (cf. quadro 2): construções dos Tipos-2 e 3 diferem em aspectos sintático-semânticos, mas partilham o mesmo princípio pragmático de topicalização, o que significa que a dessentencialização da subjetiva não é propriedade que restrinja a topicalização. No entanto, entre os tipos construcionais com topicalização, o Tipo-3 mostra-se mais gramaticalizado, pelo forte entrelaçamento entre suas subpartes, verificado pela dessentencialização categórica da subjetiva e pelo compartilhamento do argumento topicalizado, ao passo que o Tipo-2, apesar de também compartilhar argumento topicalizado, preserva a independência da subjetiva pela manutenção de seu traço de finitude (LEHMANN, 1988). Essa interpretação é reforçada pela reanálise sugerida em (13), que, envolvendo casos de topicalização de Sujeito (Tipo-2), aplica-se de igual maneira aos de topicalização de Objeto (Tipo-3).

Sobre o papel do conectivo, de um lado se colocam as subjetivas infinitivas ligadas às suas **matrizes avaliativas** por *zero*, *para* ou *de*, e de outro, as finitas ligadas às suas **matrizes epistêmicas** por *que*. Essa diferença tem reflexo direto nos tipos de construções com topicalização, os quais, por sua vez,

guarda relação estreita com tipo semântico da matriz. Matrizes avaliativas (*fácil, difícil, complicado*) que admitem topicalização de Sujeito (Tipo-2) e de Objeto (Tipo-3) encaixam categoricamente subjetivas infinitivas ou por justaposição (*conectivo zero*) ou por meio de preposição (*para, de*), ao passo que matrizes epistêmicas, que admitem somente topicalização de Sujeito (Tipo-2), encaixam subjetivas infinitivas por justaposição (*conectivo zero*) e finitas, por meio de *que*. O primeiro tipo é o mais gramaticalizado, com preposições favorecendo a reanálise de construções do Tipo-3.

#### 4.2. Parâmetros de sentido das construções subjetivas

Passando à verificação dos parâmetros semântico-pragmáticos, seus resultados são apresentados conjuntamente na tabela 4, porque, de alguma forma, estão relacionados entre si.

**Tab. 4:** Referencialidade, Animacidade, Relevância tópica e Status informacional de constituintes argumentais (construções com e sem topicalização)<sup>10</sup>

Parâmetros semântico-pragmáticos / construções	Sem topicalização		Com topicalização				Total	
	Tipo-1		Tipo-2		Tipo-3		N	%
	N	%	N	%	N	%		
<b>Referencialidade</b>								
[-específica, -definida]	10	58,9	3	17,6	4	23,5	17	13,8
[+específica, +definida]	42	64,6	20	30,8	3	4,6	65	52,9
[-específica, +definida]	24	58,5	15	36,6	2	4,9	41	33,3
<b>Animacidade</b>								
[-animado]	22	53,7	13	31,7	6	14,6	41	33,3
[+humano]	52	66,6	24	30,8	2	2,6	78	63,4
[-humano, +animado]	2	50,0	1	25,0	1	25,0	4	3,3
<b>Relevância Tópica</b>								
[+relevante]	65	60,2	34	31,5	9	8,3	108	87,8
[-relevante]	11	73,3	4	26,7	♦	♦	15	12,2
<b>Status informacional</b>								
Informação dada	54	58,7	29	31,5	9	9,8	92	74,8
Informação inferível	22	71,0	9	29,0	♦	♦	31	25,2
Total geral	76	61,8	38	30,9	9	7,3	123	
	76/123 (61,8%)		47/123 (38,2%)					

De acordo com os dados da tabela 4, independentemente de ocorrer ou não topicalização, prevalecem em construções complexas subjetivas referentes argumentais [+*específico*, + *definido*] (52,9%), [+ *humano*] (63,4%), de *maior relevância tópica* (87,8%) e portador de *informação dada* (74,8%).

A função semântico-pragmática das construções matrizes (julgamentos de estados-de-coisas e proposições) parece mesmo requerer que os participantes da cena enunciada (Sujeito e Objeto) sejam, de algum modo, tornados objetos acessíveis no e do discurso multiproposicional. A depender do grau de saliência cognitiva

<sup>10</sup> Para fins de comparação, do total de ocorrências, excluímos 22 casos de construções do Tipo-1: 18 com Sujeito e Objeto plenos, alvos potenciais de topicalização (como em [[é **difícil**] [alguém *acredita(r) nessas coisas*]] [AC-015, L. 262]), e 4 com argumentos alvos de topicalização portador de *informação nova*.

atribuído pelo falante, referentes argumentais, na interação de propriedades semânticas e discursivas, podem ter sua topicalidade ampliada, vindo a constituir tópicos na construção complexa.

Tomemos, a título de ilustração desse funcionamento, um trecho de discurso em (15), para mostrar como essas propriedades interagem na topicalização de constituintes argumentais (cf. linha 12).

(15) Tópico discursivo: “o fim do casamento”

- 1 Doc.: tem mais alguma... história que você passô(u) e você gostaria de contá(r)?
- 2 Inf.: história? ah essa é triste... o fim do meu casamento... ((risos))
- 3 →→ esse foi triste
- 4 porque::... éh embora a gente/ eu casei já gostando ... apaixonada por ele... no intuito de... Ø
- 5 querê(r) tê(r) o filho em si... éh:: só que eu fui do tipo assim ... depois que eu coloquei na cabeça
- 6 que a gente tinha que casá::(r) ... minha mãe colocô(u)/ todo mundo... então eu achei que o
- 7 casamento ia sê(r) pra sempre devido a experiência de vida que ele tinha...
- 8 →→ é minha cabecinha vazia ...
- 9 (eu só de imaginá(r)) as coisa que ele tinha... no decorrer da vida dele né? que era BEM mais
- 10 velho do que eu... foi ao/ tudo ao contrário... embora eu envelheci junto com ele... Ø
- tenho só vinte
- 11 e sete anos
- 12 →→ mas tem hora que:: [[eu] **[pareço]** que tenho cinquenta...]]
- 13 por causa que eu tive que amadurecê(r) junto com ele ...
- 14 →→ TEM hora que isso é bom... mas tem ma/ na maioria das vezes é ruim...
- 15 porque tem hora que **cê** tem que:: levá(r) as coisas assim na brincade::(i)ra...
- 16 →→ aí já vem a parte da ignorância d'uma pessoa mais velha... né?
- 17 então:: éh:: sem contá(r) tam(b)ém uma carga de:: de problemas emocionais né? aca/
- acarretado no
- 18 decorrer da história porque por eu tê(r) sido/ tido uma:: uma:: vamo(s) colocá(r) assim...
- ter sido
- 19 FRUStrada... entendeu?... uma coisa que eu espeRAva que era... o príncipe encantado... ele só
- 20 num se tornô(u)... mas HOje
- 21 →→ ele pode sê(r) o príncipe
- 22 porque é o pai da minha filha... mas fora isso
- 23 →→ é:: o verdade(i)ro sapo...
- 24 então ((risos))
- 25 →→ essa é uma história triste pra mim... que é uma coisa que eu vô(u) carregá(r) o resto da vida

[AC-026, L. 58]

Nesse trecho, durante o desenvolvimento do tópico discursivo “o fim do casamento”, a pessoa da própria informante (indicação em negrito e sublinhado), referente [+ humano] e [+ específico, + definido], assume papel de *maior relevância tópica* (ou saliência cognitiva) no discursivo multiproposicional, por constituir *informação dada*, no contexto da interação verbal. Relevantes ainda para o caso de topicalização que nos interessa (linha 12) são os momentos de digressão

(indicação com setas duplas) em que a informante avalia estados-de-coisas e proposições, momentos propícios para ocorrência, de modo geral, de julgamentos avaliativos (linhas 3, 8, 14, 16, 23, 25) e epistêmicos (linha 12, 21), de modo geral.

Ainda de acordo com os resultados da tabela 4, são propriedades semânticas, mais do que discursivas, as responsáveis por diferenciar construções com topicalização de Sujeito (Tipo-2) e de Objeto (Tipo-3), no que é característico de cada um desses constituintes argumentais. Enquanto em construções do Tipo-2, predominam Sujeitos tópicos [+ *definidos*] (35/38) e [+ *humano*], nas do Tipo-3 predominam Objetos tópicos [- *indefinido*] (4/9) e [- *animado*] (6/9), resultado que se explica pela *Hierarquia semântica de acessibilidade à posição de sujeito*, segundo a qual referentes [+ *humano*] e [+ *definido*], se ocorrem numa sentença, tendem a ocupar a posição de Sujeito-tópico, ao passo que a função de Objeto é mais propícia para referentes [-*humano*] e [- *definido*] (SILVERSTEIN, 1976; SNIDER; ZAENEN, 2006; GIVÓN, 2012; PRINCE, 1992). Assim, esse resultado espelha, de algum modo, a saliência cognitiva de referentes da qual trata explicitamente Langacker (1995).

## CONCLUSÃO

Oferecemos neste trabalho uma reinterpretação de construções complexas subjetivas à luz dos postulados da LFCU. Nesse passo, propusemos a existência de uma rede hierárquica de construções que, ligadas por herança, coloca, em um nível superior, construções complexas subjetivas prototípicas, às quais se associam, em um nível intermediário, construções complexas com matriz epistêmica ou avaliativa sem topicalização (Tipo-1), e em um mesmo nível mais baixo, construções que apresentam topicalização de Sujeito, com matrizes epistêmicas e avaliativas (Tipo-2), e de Objeto (Tipo-3), com matrizes somente avaliativas.

Validam essa hierarquização os *Princípios da Não sinonímia e do Poder expressivo maximizado* (cf. quadro2), uma vez que: (i) entre as construções do Tipo-1 (de nível mais alto) e as dos Tipos-2 e 3 (de nível mais baixos), divergências sintáticas e equivalência semântica refletem distinções pragmáticas, relacionadas à estrutura de informação dos constituintes argumentais; (ii) entre as construções dos Tipo-2 e 3 (de mesmo nível), divergências sintático-semânticas, relacionadas ao tipo de constituinte topicalizado e ao tipo semântico de matriz, refletem equivalência pragmática, relacionada à estrutura de informação.

As aproximações e os distanciamentos entre os três tipos de construções são corroborados pela apuração da frequência de parâmetros específicos de forma e de sentido: (i) CV não é parâmetro relevante para distinguir construções com topicalização, pois a maioria absoluta de constituintes topicalizados engloba formas de 3<sup>a</sup>. pessoa do singular, o que impede o reconhecimento inequívoco de CV na matriz, mas reforça o papel de tópico desses constituintes; (ii) diferentemente, o formato da construção subjetiva, ao mesmo tempo em que coloca construções com e sem topicalização mais associadas às formas finitas, permite distinguir com clareza construções com topicalização de Sujeito e de Objeto, estas categoricamente associadas às infinitivas e aquelas mais recorrentes com as finitas; (iii) a saliência cognitiva de constituintes argumentais tem relação direta com a função de construções matrizes de

expressar julgamentos sobre o conteúdo comunicado na construção subjetiva, cujos participantes devem ser dados a reconhecer no momento da interação verbal; essa função mostra que a saliência cognitiva atua de igual maneira em construções com e sem topicalização; no entanto, parâmetros semânticos relacionados à referencialidade e à animacidade dos constituintes argumentais distinguem com clareza construções com topicalização de Sujeito e de Objeto, com as primeiras caracterizadas por referentes [+ *definido*] e [+ *humans*] e as segundas, por referentes [- *definido*] e [- *animado*].

Por fim, mostramos que as construções complexas subjetivas apresentam gradiência no grau de integração entre suas subpartes, possível de ser mensurada pela variância dos parâmetros de forma e de sentido sintetizada no quadro 4.

Parâmetros de forma/sentido	Variância nas construções		
	Tipo-1	Tipo-2	Tipo-3
Tipo de argumento partilhado (Sujeito/Objeto)	Não se aplica	+	-
[+ CV marcada] na matriz	Não se aplica	+	-
Formato da subjetiva [finita/infinitiva]	+	+	-
Conectivo subordinativo universal [presença/ausência]	+	+	-
Semântica da matriz [epistêmica/avaliativa]	+	+	-
Referencialidade do(s) argumento(s) [+/-específica, +/-definida]	+	+	+
Animacidade do(s) argumento(s) [+/- humano, +/-animado]	+	+	+
Relevância tópica do(s) argumento(s) [+/- relevante]	+	+	-
Status informacional do(s) argumento(s) [novo/dado/inferível]	+	+	-
<b>Gradiência na integração das subpartes das construções</b>			
<i>Tipo-1 &gt; Tipo-2 &gt; Tipo-3</i>			
<i>[- integradas]-----[+integradas]</i>			

Os resultados até aqui alcançados nos instigam a continuar na mesma direção de investigação, procurando ainda avançar nos seguintes pontos, em busca de reafirmação das conclusões que aqui apresentamos: (i) consideração de outros tipos semânticos de construções matrizes, de modo a ampliar a rede de construções dos níveis hierárquicos mais baixos; (ii) reinterpretação de nossos resultados anteriores, envolvendo a modalidade escrita e o mapeamento diacrônico dos mesmos tipos de construções complexas (GONÇALVES, 2011, 2012).

## REFERÊNCIAS

BYBEE, J. (2010). *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press,

- DIK, S.C. (1997). *The Theory of Functional Grammar. Part 2. Complex and Derived Constructions*. [Kees Hengeveld (ed.)]. Berlin: Mouton de Gruyter.
- DIK, S. C. (1979). Raising in functional grammar. *Lingua*, s.l., n. 47, p.119-140.
- DIXON, R. M. W. (2006). Complement clauses and complementation strategies in typological perspective. In: DIXON, R. M.W; AIKHENVALD. A.Y. (Ed.) *Complementation*. Oxford: Oxford University Press, p.1-48.
- DUARTE, M.E. (2007). Sobre outros frutos de “um projeto herético”: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: CASTILHO, A.T. et al. (orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro: estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes, p. 35-47.
- DUBINSKY, S. W.; DAVIES, W. D.; KEITH, B. (2006). Control and Raising. In: BROWN, K. (ed.) *Encyclopedia of Language & Linguistics*. Oxford: Elsevier, p. 131-139.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. (2013). Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.) *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-X, p. 13-39.
- GARCIA VELASCO, D. (2013). *Raising in functional discourse grammar*. In: MACKENZIE, J.L., OLBERTZ, H. (eds.). *Casebook in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 249-275.
- GIVÓN, T. (2012). *A compreensão da gramática..* Trad. de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Felipe Albani. São Paulo: Cortez/ Natal: EDDUFRN.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Syntax: an introduction*. v.2. ., Philadelphia: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. (1976). Topic, pronoun and grammatical agreement. In: LI, C. (ed.) *Subject and topic*. New York: Academic Press.
- GOLDBERG, A. (1995). *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago of University Press.
- \_\_\_\_\_. (2003). Constructions: a new theoretical approach to language.. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, n.5, p. 219-224
- GONÇALVES, S.C.L. (2015). Orações completivas em posição argumental de sujeito e o alçamento

a sujeito sob perspectiva funcional. In: HORA, D. et al. (Orgs.). *ALFAL 50 anos: contribuições para os estudos linguísticos e filológicos*. João Pessoa: Ideia, p. 367-417.

\_\_\_\_\_. (2012). Orações subjetivas e mudança de padrões na história do português. In: SOUZA, E.R. (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, p. 93-118.

\_\_\_\_\_. (2011). Orações subjetivas: variância e invariância de padrões na fala e na escrita. *Revista da ABRALIN*, v. 10, p. 87-111.

\_\_\_\_\_. (2007). *Banco de dados Iboruna: amostras de fala do português falado no interior paulista*. Disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. Acesso em jan. 2010.

\_\_\_\_\_. (2001). Orações subjetivas e teoria dos protótipos. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 183-196.

GONÇALVES, S. C. L.; SOUSA, G.C.; GALVÃO, V.C.C. (2008). As construções subordinadas substantivas. In: ILARI, R., NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: classe de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, v.2, p. 1021-1084.

GÖRSKI, E. (2008). Reflexos da topicalização sobre o estatuto gramatical da oração. In: VOTRE, S., RONCARATI, C. (orgs.) *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 169-184.

GREGORY, M.; MICHAELIS, L. (2001). Topicalization and left-dislocation: a functional opposition revisited. *Journal of Pragmatics*, n. 33, p. 1665-1706

KATO, M.A.; MIOTO, C. (2000). A inexistência de sujeitos oracionais. *Laços*, Rio de Janeiro, p. 61-90.

LANGACKER, R. (1995). Raising and transparency. *Language*, v. 71, n. 1, p. 1-62.

LEHMANN, C. (1988). Towards a typology of clause linkage. (In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 275-330.

LYONS, J. (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

MARTINS, A.M.; NUNES, J. (2005). Raising issues in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4.2, p. 53-77.

MITTMANN, M.M. (2006). *Construções de alçamento a sujeito: variação e gramaticalização*. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

NEVES, M.H.M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp.

- NOONAN, M. 2007 [1985]. Complementation. In: SHOOPEN, T. (ed.) *Language typology and syntactic description: complex constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 43-140.
- PRINCE, H. (1997). On the functions of left-dislocation in English discourse. In: KAMIO, A. (ed.) *Directions in functional linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, p.117-143.
- \_\_\_\_\_. (1992). The ZPG letter: subjects, definiteness, and information-status. In: MANN, W., THOMPSON, S. (eds.) (1992). *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia, p. 295-325.
- \_\_\_\_\_. (1984). Topicalization and left-dislocation: a functional analysis. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 433, p. 213-225.
- SILVERSTEIN, M. (1976). Hierarchy of features and ergativity. In: DIXON, R. M. W (ed.). *Grammatical Categories in Australian Languages*. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies, p. 112-171.
- SNIDER, N.; ZAENEN, A. (2006). Animacy and syntactic structure: fronted NPs in English. In: KAPLAN, R.M.; DALRYMPLE, M.; HOLLOWAY, T. (eds.) *Intelligent Linguistic architectures: variations on themes*. Stanford: CLSI Publications, p.323-338.

**Recebido em 15/10/2016**

**Aceito em 07/11/2016**